

Equatorial

v.7 n.13 | jul/dez 2020
ISSN: 2446-5674

Editorial: Vislumbres antropológicos pela cidade

É com imensa satisfação que a equipe da Revista Equatorial publica mais um número repleto de contribuições antropológicas inéditas. Nesta edição, trazemos o dossiê *Antropologia e imagem: produções visuais na cidade*, organizado pelas antropólogas Ana Carolina Amorim da Paz, doutoranda no PPGA/UFBA, e Deyse de Fátima do Amarante Brandão, doutoranda no PPGAS/UFRN. É sempre relevante enaltecer o papel e a garra das revistas de divulgação de pesquisas científicas que compõem a pós-graduação brasileira. Para a realização deste número da Equatorial, contamos com a dedicação das pesquisadoras que se propuseram a organizar o dossiê, além da nossa equipe editorial e também de todas as pessoas que enviaram os seus trabalhos. Somos imensamente gratas e gratos por todo o conteúdo visual, textual e afetivo que se fazem presentes nesta edição.

Diante do recorte referente à Antropologia Visual na cidade, nos inebriamos em infinitas linhas e cruzamentos presentes nos emaranhados citadinos. O visual da cidade, representado através de palavras e imagens que constam nos artigos, traz consigo a importância da valorização desta ferramenta como grande aliada da pesquisa antropológica. Nos trabalhos dispostos a seguir, notamos relações de conflitos no meio político; relações de trabalho retratadas através do desenho, assim como reflexões sobre as relações de gênero tensionadas pela presença de mulheres na pixação, etc.

Ainda neste volume, contamos com duas publicações de artigos de fluxo contínuo. O primeiro se debruça sobre uma etnografia produzida no cemitério municipal de Cristo Rei de Toledo, no Paraná; o segundo, traz uma pesquisa que mostra o cotidiano da comunidade de Paracatu de Baixo (MG), localizada no município de Mariana, que foi profundamente marcada pelo rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco. Na seção de resenhas, trazemos duas resenhas sobre os livros *Uma arqueologia do apagamento: narrativas de desaparecimento Charrúa no Uruguai*, de Francesca Repetto e *Ideias para*



adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak. Na seção dos ensaios visuais, apresentamos um ensaio que versa sobre parentes, cuidados e lembranças, capaz de transmitir sentimentos através de uma poesia imagética.

Este é o segundo número que lançamos durante a pandemia. Além de todas as problemáticas que a COVID-19 nos trouxe, é possível perceber uma grande comunicação entre a imagem, o humano e a cidade nos seus mais diversos signos e significações neste período desafiador. Junto à imagem, o contexto digital também foi ativado, principalmente em redes sociais, como forma de interação. Percebemos, ainda mais, o grande potencial que o visual da imagem carrega consigo: seja matar a saudade; provocar os mais diversos sentimentos possíveis (e impossíveis); impactar política e socialmente o olhar e interpretação de quem a observa; transformar vidas etc.

A Antropologia Visual nos oferece um importantíssimo aporte metodológico como meio de pesquisa. Enquanto as palavras se debruçam num sentido (aparentemente) mais fixo da situação, as imagens permitem que as interpretações sejam mais fluidas – ainda que sejam aparentemente fixas –, propiciando um engajamento visual com o momento que ali se projeta. A partir da imagem realizada na cidade, pensamos e intuímos cheiros, sons, conflitos e mais uma infinidade de interações.

O segundo semestre de 2020 tem representado para nós, pesquisadoras e pesquisadores no contexto brasileiro (também mundial), muita força e resiliência. A saudade, agora, faz parte de todos os espaços. Não há quem não tenha sido afetada e afetado pela COVID-19. Tomamos consciência, cada vez mais, que as pessoas não foram feitas para viverem à distância. Todavia, quem dera a saudade fosse o único grande problema do caos que estamos vivenciando. Em meio aos altos índices de contaminação, com um presidente que não possui uma noção mínima sobre estratégias de biossegurança para lidar com um país em contexto de pandemia, o Brasil parece desmoronar aos poucos. Em situação de quarentena – a quem assim pode permanecer –, podemos perceber, de forma ainda mais violenta, que o nosso país carece de um sistema político que reconheça os anseios da sua população, que perpassam infinitos temas que vão desde a fome até implicações geradas pelas relações de gênero em contextos de isolamento social.

No momento em que este dossiê vem a público, estamos dialogando diretamente com as diversas formas de transmissão da imagem, seja através de plataformas de reuniões, chamadas de vídeo, fotos enviadas de formas instantâneas ou, até mesmo, fotos no *feed* das redes sociais, acompanhadas por textos que expressam os infinitos sentimentos causados pela COVID-19. Tem sido possível, ainda, através de imagem, acompanhar o

cotidiano de quem precisa, mesmo durante quarentena e pandemia, deslocar-se pelos vários caminhos que contornam a cidade para o cumprimento de suas missões que são diárias e necessárias.

Todos os trabalhos aqui presentes nos trazem imagens, sejam postas nos textos ou visualizadas a partir do que está escrito. Através das pesquisas, notamos o rumo que o Brasil vem percorrendo diante das infinitas flexibilizações ambientais e negligências sociais cometidas por parte dos nossos governantes. A Antropologia nos ensina sobre política, cuidado, afeto, conflitos armados, relações de gênero e sexualidade, relações de trabalho, apagamentos e esquecimentos. É neste contexto de pandemia que nos fortalecemos cada vez mais e reafirmamos a importância da pesquisa antropológica para a sociedade brasileira.

Desejamos uma boa leitura e reflexão a todas as pessoas que embarcarão conosco nesta jornada.

Eloyza Tolentino Soares
Mestranda em Antropologia Social – PPGAS
Universidade Federal do Rio Grande do Norte